



ELEIÇÕES

As complicações na montagem de uma chapa unificada do centro democrático são acompanhadas sob as bênçãos dos grupos políticos de Lula e Bolsonaro. Em nota, PSDB, MDB e Cidadania asseguram que lançarão "candidatura competitiva"

Derrapagens que só reforçam a polarização

» VINICIUS DORIA

Selado o isolamento do ex-governador paulista João Doria pela cúpula do PSDB — que não pretende dar sustentação ao pré-candidato do partido na corrida presidencial — e com apoio explícito dos dirigentes da sigla e de emedebistas à senadora Simone Tebet (MDB-MS), a terceira via tenta não misturar a briga no ninho tucano com as articulações em torno do nome que representará o autodenominado centro democrático. Nos bastidores da tríplce aliança (que inclui o Cidadania, federado ao PSDB), Doria é considerado um problema interno da legenda tucana e que deve ser resolvido entre eles.

Os presidentes dos partidos divulgaram, ontem, a posição oficial do consórcio. Por meio de nota, lembraram que MDB, PSDB e Cidadania têm histórico de unidade no trato de questões importantes da vida nacional, tanto no Legislativo quanto nos processos eleitorais. E que a união para a disputa ao Planalto está sendo discutida desde o fim do ano passado, com o aval, inclusive, de Tebet e de Doria — o União Brasil, de Luciano Bivar, deixou o grupo para se lançar em candidatura solo. No fim, a nota reafirma que "o Brasil terá uma nova candidatura, competitiva, para vencer, que será oficializada em breve".

A difícil montagem de uma chapa unificada que reúna o centro do espectro político é acompanhada a distância por observadores ligados aos dois candidatos que lideram a corrida ao Planalto. Poucos acreditam que a terceira via seja capaz de alterar o quadro bipolar entre o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o presidente Jair Bolsonaro (PL), mas, por precaução, a torcida é para que essa aliança não prospere.

"Para ambos (Lula e Bolsonaro) é bom que os dois estejam no segundo turno. Qualquer outro candidato com rejeição menor teria melhor chance de romper isso (a polarização)", avaliou o doutor em ciência política Leandro Gabiati, da Dominiun Consultoria. "Não interessa a nenhum dos dois enfrentar um candidato com menos rejeição."

Com a antecipação extraoficial do calendário eleitoral, deflagrada pela agenda de Bolsonaro e pelo fim da inelegibilidade de Lula

Luiz Cervi



Bruno Araújo, Baleia Rossi e Roberto Freire: dirigentes devem anunciar, na terça, a escolha por Simone Tebet para concorrer ao Planalto

— decorrente dos processos que enfrentou e superou no âmbito da Operação Lava-Jato —, muitos tentaram assumir algum protagonismo fora dos trilhos do bolsonarismo ou do lulismo, mas todos foram abatidos em suas pretensões ou desistiram diante da barreira quase intransponível erguida pela dupla para conquistar eleitores. Nomes como o do apresentador de tevê Luciano Hulk, do ex-juiz Sergio Moro, do ex-ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta e do ex-governador gaúcho Eduardo Leite foram sendo rifados ao longo do processo.

Sem consenso

Mesmo dentro dos partidos da terceira via falta unidade. No MDB, o nome de Tebet não é consensual. A ala nordestina da legenda já assumiu o apoio a Lula e considera o debate sobre a pré-candidatura da senadora sul-mato-grossense "estéril". No Nordeste, não existe nem Simone nem Doria, existe Lula. Cúpula não

decide eleição", disse um interlocutor do grupo ligado ao senador Renan Calheiros (AL) e ao ex-senador Eunício Oliveira (CE).

De forma semelhante, porém mais discreta, há um forte apoio não só no MDB, mas também no PSDB à reeleição de Bolsonaro, articulada, principalmente, pelos diretórios dos estados do Centro-Sul do país. Um candidato da terceira via é visto como um anteparo à debandada para os palanques favoritos. No entorno político do presidente, a terceira via paira como uma miragem, que não se materializará em votos. Segundo uma fonte do Planalto, a preocupação é só em evitar que um terceiro nome "roube votos" que hoje seriam dados ao atual chefe do Executivo. Ela considera Tebet mais viável para atingir o eleitor que não quer Lula nem Bolsonaro e com mais condições políticas de fustigar a candidatura do petista. "A senadora pode bater no governo Dilma, por exemplo, o que não é ruim", avaliou.

"No MDB, é visível a simpatia pró-Bolsonaro. Em Minas Gerais e na Região Sul, o PSDB é claramente antipetista. Uma candidatura unificada evitaria essa divisão evidente", disse Leandro Gabiati. Mas ele não acredita que o imbróglio se definirá na semana que vem, quando as comissões executivas dos três partidos voltam a se reunir para bater o martelo em relação ao nome de Tebet. Na avaliação do especialista, Doria ainda tem condições de levar esse debate para mais perto das convenções, no fim de julho. A dúvida é em que condição o ex-governador chegaria lá. "Doria talvez tenha de aceitar uma derrota humilhante na convenção. Se ele prosseguir, corre o risco de ir sozinho, sem estrutura, sem palanque. É quase um beco sem saída", destacou o cientista político. "Mas o PSDB precisa de uma saída honrosa não só para Doria, mas para o próprio partido, que sempre foi referência na política brasileira. É uma questão de sobrevivência."

Rodrigo Francisco



Lula e Alckmin farão, na semana que vem, o primeiro encontro da coligação

Reunião definirá estratégias

» VICTOR CORREIA

Em lua-de-mel neste momento, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) retoma a agenda política na segunda-feira com uma reunião importante. O petista e seu vice na chapa ao Planalto, Geraldo Alckmin (PSB), lideram o primeiro encontro com dirigentes das sete legendas que compõem o Movimento Vamos Juntos Pelo Brasil.

Integrantes da campanha comentaram ao **Correio** que Lula terá agenda cheia em São Paulo, mas não detalharam quais encontros estão programados. A viagem do petista ao Rio Grande do Sul, prevista inicialmente para o próximo dia 25, ocorrerá em 1º e 2 de junho.

A primeira reunião com as lideranças do movimento marca a criação do conselho político da coligação e o aumento da participação dos partidos aliados nas estratégias

nacional e estaduais da chapa Lula-Alckmin. O encontro deve discutir, ainda, o cronograma de viagens dos dois pré-candidatos até as eleições.

Estarão presentes os presidentes das legendas: Gleisi Hoffmann (PT), Carlos Siqueira (PSB), Luciana Santos (PCdoB), Paulinho da Força (Solidariedade), Juliano Medeiros (PSol) e José Luiz Penna (PV).

O ex-presidente suspendeu a agenda política nesta semana para se casar com a socióloga Rosângela Silva, a Janja, na noite de quarta-feira, na capital paulista. Ele aproveitou a lua-de-mel até no domingo, antes de retomar as articulações.

Rumo ao Sul

O Rio Grande do Sul será o segundo estado que Lula visitará após o lançamento oficial de sua pré-candidatura, depois de Minas

Gerais. A agenda no local ainda está sendo definida com o diretório gaúcho do PT, mas atos serão organizados em Porto Alegre. A caravana parte, logo depois, rumo a Santa Catarina.

Para o deputado federal Paulo Pimenta (PT-RS), que participa da organização da viagem, a passagem do ex-presidente pelo estado é simbólica. "De fato, a gente tem no Rio Grande do Sul uma imagem muito positiva do que foi no governo Lula, na área da infraestrutura, de educação, e a presença dele reforça muito esse legado", disse ao **Correio**.

De acordo com o parlamentar, a estratégia no estado será exaltar as ações dos governos do PT e comparar com "o que virou agora", como também foi feito nos discursos do ex-presidente em Minas Gerais.

O Rio Grande do Sul é estratégico por ter sido importante reduto

do presidente Jair Bolsonaro (PL) nas eleições passadas. Em 2018, ele alcançou 63,24% dos votos válidos no estado, contra 36,76% do ex-prefeito de São Paulo Fernando Haddad (PT).

Outro ponto importante da visita é a negociação do palanque

estadual. Como ocorre em Pernambuco, no Rio de Janeiro e em Minas Gerais, há entraves no Rio Grande do Sul. O diretório estadual do PSB está em negociação com o PDT para formar uma aliança e pode aderir à campanha de Ciro Gomes ao Planalto,

Em vídeo, Tebet se apresenta

A senadora Simone Tebet (MDB-MS) divulgou um novo vídeo da sua pré-campanha ao Palácio do Planalto um dia após ser escolhida pelos presidentes de PSDB, MDB e Cidadania como candidata única da terceira via — o acordo deve ser anunciado na próxima terça-feira. Desta vez, a estratégia do conteúdo audiovisual foi apresentar a parlamentar, com uma breve trajetória de sua vida pessoal e política. "Juntos nós vamos reconstruir o Brasil", defende Tebet. Segundo a assessoria dela, o lançamento foi uma "coincidência" em relação aos últimos acontecimentos.

Pesquisas encomendadas pelos três partidos da terceira via mostraram que a senadora teria maior potencial de crescimento na disputa. Essa realidade também foi vista na pesquisa Genial/Quaest de abril deste ano, realizada no âmbito nacional, que apontou que 80% dos eleitores ainda não conhecem a parlamentar. O levantamento ainda mostrou que 15% rejeitam votar nela.

Em menos de um minuto e meio de vídeo, a pré-candidata relembra sua origem interiorana, na cidade de Três Lagoas, no interior do Mato Grosso do Sul, e seus estudos em instituições públicas, além da época em que lecionou direito administrativo e público.

Ela também cita a trajetória na política, enfatizando o que a fez ficar mais conhecida em 2021, durante a CPI da Covid: a presença feminina no Congresso. "Eu fui a primeira mulher em muitas coisas na minha vida. Não só na prefeitura e na vice-governadoria, mas fui a primeira mulher a presidir a comissão mais importante do Senado e do Congresso, que é a Comissão de Constituição e Justiça (CCJ); a primeira líder da bancada feminina e a primeira mulher a disputar, em 198 anos de história, a presidência do Senado Federal", listou.



O Brasil terá uma nova candidatura, competitiva, para vencer, que será oficializada em breve. O povo brasileiro — e não disputas ideológicas e partidárias — estará no centro do debate político nas eleições de outubro

Trecho da nota dos partidos